Dia 10 — Os Quarenta Mártires de Sebaste

Ao mesmo tempo que o imperador Constantino fazia triunfar a Igreja de Jesus Cristo em seu império do Ocidente, seu cunhado Licínio perseguia em todo o Oriente com bárbara crueldade os cristãos. Vencido este por Constantino no ano de 314 e obrigado a ceder-lhe a Ilíria e a Grécia, entrou em tanto furor que, não podendo exercer sua vingança no vencedor, descarregou toda a sua cólera sobre os cristãos, a quem em todas as partes protegia o piedoso Constantino, e fez-lhes cruel guerra.

A princípio procedeu com algum reparo e, para persegui-los, buscava algum pretexto político fundado em razão de estado; mas depois declarou-se abertamente contra a religião e, para ofender mais a Constantino, resolveu exterminar de todo o seu império os cristãos.

Foi horrível e sangrenta a perseguição em todo o Oriente. Inventaram-se novos tormentos; houve poucos ministros de Jesus Cristo que não rubricassem a fé com seu sangue; poucos cristãos que não fossem ou sepultados em espantosos calabouços, ou desterrados a países bárbaros e incultos, ou coroados com o martírio.

Os mártires mais ilustres que deve a Igreja a esta sangrenta perseguição foram os quarenta soldados de Sebaste. São Gregório de Nissa os chama defensores da fé e torreões da cidade de Deus; sendo poucos os santos padres que não lhes consagrem também semelhantes ou maiores elogios.

Pelo fim do ano 319, tirando a máscara Licínio e declarando-se inimigo capital dos cristãos, expediu um decreto mandando a seus governadores que obrigassem a render sacrifícios aos ídolos todos os vassalos de seu império.

Um dos que se mostraram mais zelosos em cumprir as ordens do imperador foi Agrícola, governador da Capadócia e da Armênia Menor, que tinha sua residência na cidade de Sebaste. Mal se publicou na cidade o decreto de Licínio, quarenta soldados da guarnição, todos jovens, todos bem dispostos, todos de valor e todos distinguidos na tropa por seus assinalados serviços, foram apresentar-se ao governador e declararam-lhe intrepidamente que eram cristãos e que nenhuns suplícios seriam capazes de movê-los a abandonar a religião que professavam. Chegou a este tempo Lísias, general das tropas; e, parecendo-lhe que sua autoridade e suas razões poderiam bastar para reduzi-los, representou-lhes que, tendo merecido por suas belas ações os elogios e o favor do soberano, não só perderiam sua fortuna desobedecendo a suas ordens, mas seguramente se precipitariam nas maiores desditas, padecendo por fim delas uma morte ignominiosa.

Mas a pronta e generosa resposta dos heróis de Jesus Cristo convenceu desde logo tanto o general como o governador de que primeiro perderiam a vida que a fé. Não esperais, responderam a uma voz, nem deslumbrar-nos com vãs promessas, nem intimidar-nos com grandes ameaças. Não queremos honras a que está anexa uma eterna ignomínia, nem nos apascentamos com fantásticas quimeras. Toda a nossa fortuna, toda a nossa ventura e toda a nossa glória é morrer por Jesus Cristo, único e verdadeiro Deus; porque esses vossos ídolos são um pedaço inanimado de metal ou pedra, tão distantes de ser deuses que nem por homens os pode reconhecer quem for racional.

O governador, que era naturalmente colérico e cruel, mandou que no instante os desarmassem, os carregassem de ferros e, tendo-os despedaçado a açoites, os aplicassem à tortura. Foi assombro até dos próprios pagãos a alegria com que padeceram estes tormentos; mas não eram mais que prelúdio do cruel martírio que os esperava. Sete dias estiveram os santos mártires carregados de prisões num escuro calabouço, aumentando-se cada dia seu alento e seu fervor. Ao cabo deste tempo, desesperando o governador e o general de poder reduzi-los, condenaram-nos todos à morte. Era pelo fim do inverno, que naquele país é rigorosíssimo, e aumentava-se então o rigor com um frigidíssimo norte que soprava à sazão. Sentenciou-os o juiz a que morressem todos ao rigor do frio, expondo-os nus à inclemência do gelo.

Logo que os santos mártires tiveram notícia da iníqua sentença que se havia fulminado contra eles, puseram-se todos de joelhos e renderam graças ao Senhor pela mercê que lhes fazia de derramar seu sangue e dar sua vida por sua glória. Depois disto, esforçando-se uns aos outros, diziam-se mutuamente: Quantas vezes temos desprezado a morte em meio dos combates! Em quantas funções temos exposto atordoadamente nossa vida em serviço do imperador! Que glória, que ventura, amados companheiros, padecer agora em defesa da justiça e da verdade e poder morrer por aquele Senhor que, para redimir-nos a nós, ofereceu sua vida e derramou seu sangue até a última gota! Levantando depois todos as mãos e os olhos para o céu, exclamaram fervorosos: Quarenta entramos no combate, número misterioso; fazei, Senhor, que todos os quarenta sejamos coroados.

Acabada esta oração, tiraram-nos do cárcere carregados de prisões e conduziram-nos ao lugar do suplício. Era este uma lagoa fora da cidade, mas tão imediata a ela que quase banhava suas muralhas. Um frio dos mais agudos e dos mais violentos que jamais se haviam conhecido tinha tão congelada esta lagoa que passavam por cima do gelo os cavalos e os carros com toda a segurança. Nela haviam sido condenados os santos mártires a passar a noite; mas, para que a tentação fizesse maior guerra à constância, havia mandado o tirano que defronte se acendesse uma grande fogueira e que estivesse preparado um banho de água quente, com ordem de passar a ele imediatamente os que, cedendo ao rigor do frio, quisessem renunciar a fé para salvar a vida.

Mal chegaram à margem da lagoa, eles mesmos se despiram com apressada alegria e correram ao suplício com tanta intrepidez que assombrou os assistentes; mas turvou-se este gozo com um funesto acidente.

Já o rigor do frio havia aberto em fendas os corpos dos santos mártires: nada mais horrível, nenhuma dor pode discorrer-se mais viva e mais aguda. Os guardas haviam adormecido ao calor da fogueira: só velava o carcereiro junto ao banho quente quando, à meia-noite, viu, com muito

assombro seu, iluminado todo o espaço da lagoa que ocupavam os santos mártires, como se fosse meio-dia. Levantou os olhos para examinar de onde podia vir aquele resplendor brilhante e advertiu uma tropa de anjos, contando até trinta e nove, que cada um trazia na mão uma coroa. Facilmente compreendeu que o Deus dos cristãos, único Deus verdadeiro, era o que enviava aquela tropa celestial para coroar a constância e a fidelidade de seus generosos servos. Mas que é isto?, dizia ele a si mesmo: os que combateram tão generosamente pela fé são quarenta, e as coroas não são mais que trinta e nove. Assim discorria o carcereiro quando reparou num infeliz apóstata que, vencido do frio, havia já renegado a fé e, arrastando-se pelo gelo, vinha fazendo sinais com a mão para que o tirassem e o metessem no banho, declarando com esta demonstração que estava pronto a render adoração aos ídolos.

Estendeu-lhe a mão o carcereiro; mas, mal entrou no banho o infeliz, expirou miseravelmente, passando da água quente às eternas chamas do inferno. Mas a bondade do Senhor, que não queria que fosse sem efeito a oração que lhe haviam feito os santos mártires nem que o demônio triunfasse por mais tempo de sua conquista, dignou-se substituir prontamente o que se havia perdido; porque, movido o carcereiro das maravilhas que acabava de ver e convertido de repente, apressou-se a ocupar o lugar que estava vago. Desperta os companheiros, declara-lhes com valorosa intrepidez que é cristão e que renuncia de todo o coração às superstições gentílicas; despe-se ele mesmo de suas vestes, pede em alta voz aos santos mártires que rogem a Jesus Cristo lhe conceda a graça de morrer em sua companhia; corre esforçadamente à lagoa e ocupa o lugar do soldado reprovado, merecendo receber ainda visivelmente sua coroa. Foi universal, foi indizível a alegria dos santos campeões ao ver ação tão generosa; e a fé viva, a magnanimidade do novo companheiro consolou logo a dor de que estavam penetrados pela perdição do apóstata infeliz.

Ainda davam sinais de vida os santos mártires quando amanheceu o dia seguinte; do que informado o governador, mandou que todos fossem queimados para que acabassem de expirar com nova espécie de agudíssimas dores. Tiram-nos da lagoa e arrojam-nos a todos em diferentes carros para conduzi-los à fogueira. Só reservaram a Melitão, que, como o mais jovem, era também o mais robusto de todos; e, tendo resistido mais à violência do frio, conservava ainda bastantes espíritos vitais. Pareceu aos guardas que, separado de seus companheiros, seria mais fácil vencê-lo. Mas sua mãe, que, sendo cristã, não o havia perdido de vista nos tormentos, elevando-se sobre os movimentos da natureza e a fraqueza do sexo, apanhou-o ela mesma entre seus braços e pô-lo no carro; e, conhecendo na doce alegria de seus olhos, já meio apagados, o gosto que lhe dava em não apartá-lo de seus ilustres companheiros: Vai, filho meu, disse-lhe, vai dar fim a teu sacrifício com a vida, para dar princípio a outra ditosa, que não se acabará por toda a eternidade.

Foram lançados os santos mártires numa grande fogueira e, embora o governador desse ordem para que suas cinzas fossem arrojadas no rio, os cristãos, já à força de dinheiro, já com outros arbítrios, tiveram modo para recolhê-las; estendendo-se depois tanto estas preciosas relíquias, diz São Gregório de Nissa, que mal há país na cristandade que não esteja enriquecido com este tesouro e onde não se professe singular veneração aos quarenta mártires. Seus nomes, segundo se acham nas atas mais antigas, são os seguintes: Quírion, Cândido, Domno, Melitão, Domiciano, Eunoico, Sisínio, Heráclio, Alexandre, João, Cláudio, Atanásio, Valente, Heliano, Ecdício, Acácio, Vibiano, Élio, Teódulo, Cirilo, Flávio, Severiano, Valério, Cúdion, Sacerdon, Prico, Eutíquio, Eutiques,

Esmaragdo, Filoctêmon, Aécio, Nicolau, Lisímaco, Teófilo, Xanteas, Angeas, Leôncio, Hesíquio, Caio e Gorgônio.

Martirológio Romano

Em Sebaste da Armênia, os quarenta santos mártires.

Em Apameia da Frígia, o trânsito dos santos mártires Caio e Alexandre, os quais, segundo refere Apolinário, bispo de Hierápolis, no livro que escreveu contra os hereges catafrígios, foram coroados com glorioso martírio na perseguição de Marco Antonino e de Lúcio Vero.

Na Pérsia, a paixão de quarenta e dois santos mártires.

Em Corinto, os santos mártires Codrato, Dionísio, Cipriano, Anecto, Paulo e Crescente, os quais foram degolados na perseguição de Décio e de Valeriano, por ordem do presidente Jasão.

Na África, São Vítor, mártir, em cuja festividade pregou Santo Agostinho um sermão ao povo.

Em Jerusalém, São Macário, bispo e confessor, a cuja instância Constantino e Helena mandaram expurgar os santos lugares e construir neles igrejas de cristãos.

Em Paris, a ditosa morte de São Droctoveu, abade, discípulo de São Germano, bispo.

No mosteiro de Bobbio, Santo Átalo, abade, esclarecido em milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos mártires, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui gloriosos martyres fortes in sua confessione cognovimus, pios apud te in nostra intercessione sentiamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Deus onipotente, que experimentemos propícios em nosso favor os gloriosos mártires que manifestaram sua constância em vos confessar. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 11 da que escreveu São Paulo aos Hebreus. [^1]

Hebreus 11,33-39

> **Latim:** [33] qui per fidem vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones, obturaverunt ora leonum, [34] extinxerunt impetum ignis, effugerunt aciem gladii, convaluerunt de infirmitate, fortes facti sunt in bello, castra verterunt exterorum : [35] acceperunt mulieres de resurrectione mortuos suos : alii autem distenti sunt non suscipientes redemptionem ut meliorem invenirent resurrectionem. [36] Alii vero ludibria, et verbera experti, insuper et vincula, et carceres : [37] lapidati sunt, secti sunt, tentati sunt, in occisione gladii mortui sunt, circuierunt in melotis, in pellibus caprinis, egentes, angustiati, afflicti : [38] quibus dignus non erat mundus : in solitudinibus errantes, in montibus, in speluncis, et in cavernis terræ. [39] Et hi omnes testimonio fidei probati, non acceperunt repromissionem,

Português: [33] que pela fé conquistarão reinos, obrarão accções de justiça, alcançarão as promessas, tapárão as bocas dos leões, [34] suspendêrão a violencia do fogo, evitárão o fio da espada, convalescerão de enfermidades, forão fortes na guerra, pozerão em fugida exercitos estrangeiros: [35] as mulheres recobrrão os seus filhos mortos por meio da resurreição: e huns forão estirados, não querendo resgatar a sua vida, por alcançarem melhor resurreição. [36] Outros porém sofrerão ludibrios, e açoutes, e além d'isto cadeias, e prisões: [37] elles forão apedrejados, forão serrados pelo meio, forão tentados, forão mortos ao fio da espada, elles andárão vagabundos, cobertos de pelles d'ovelhas, de pelles de cabras, necessitados, angustiados, afflictos: [38] huns homens de que o mundo não era digno: errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas, e nas cavernas da terra. [39] E todos estes provados pelo testemunho da fé, ainda com tudo não receberão a recompensa prometida,

Nota

«Desde Roma, onde se achava São Paulo no ano 62 de Jesus Cristo, escreveu esta admirável epístola aos de sua nação, cuja salvação tinha mais na alma. Nela os convence com razões não só plausíveis, mas concludentes, tiradas da Escritura, de que não havia que esperar salvação fora da lei de Cristo; que a lei escrita de Moisés ficava derrogada pela lei de graça do Salvador; e que não deviam sujeitar-se mais a um jugo de que já os havia livrado o Filho de Deus.»

Reflexões

Não somente vive o justo pela fé, mas de certa maneira se pode dizer que a fé é o móvel principal das maiores ações do justo. A fé é a que lhe infunde aquele grande valor, a que lhe dá aquele claro discernimento, a que tira a máscara aos objetos mais enganosos, a que descobre o aparente de seu brilho; a fé só, por obscura que seja, é a que produz na alma verdadeiras luzes.

Temos pouco amor de Deus, pouca confiança em Deus, pouca virtude e pouco valor, porque temos pouca fé. Obra-se com desídia quando se crê com tibieza.

Não digamos já que o caminho do céu é escabroso, que o jugo do Senhor é pesado, que os frutos da cruz são desenxabidos, que os mandamentos da lei de Deus são árduos, que a mesma lei é austera; digamos que nossa fé está meio apagada, está agonizando, está quase morta. Uma fé viva tudo acha fácil.

Discorramos à proporção da fé divina, como discorremos sobre a eficácia da fé natural e humana. Pelos efeitos se há de julgar propriamente da qualidade da fé.

Por que aquele homem mundano se dedica com tão contínua, com tão mortal fadiga ao trabalho? Por que aquela intolerável servidão às obrigações mais miúdas do emprego? Por que aquela servil dependência nos negócios, na corte, no exército? Só porque se crê ser meio seguro para adiantar-se ou quase o único para fazer fortuna.

É duro e muito duro arrancar-se da doce companhia dos pais, separar-se de tudo o que mais se ama no mundo e ir expor a vida a mil perigos, à inconstância das ondas, à violência dos ventos, ao furor das tempestades. Com tudo isso, crê-se que esta viagem é necessária para o negócio, para a família, para o interesse? Pois não se consulta nem a prazeres, nem a inclinação, nem a delicadeza. Aquele jovem, herdeiro talvez de grandes morgados, em quem estão colocadas todas as esperanças de sua ilustre família, seria bem escutado se, ao tempo de ir assaltar uma brecha ou de investir contra o inimigo, se escusasse dizendo: não posso expor-me a esse perigo, porque sou jovem, porque sou herdeiro, porque sou nobre? Dura é a condição, mas não importa: desde que aprouve ao mundo fazer dela ponto de honra, desde que se julga necessária para fazer fortuna, para fazer sua corte, para conseguir a graça do príncipe, não se delibera, é mister sujeitar-se à lei por dura que seja. Não é necessária a aplicação destas verdades práticas, e seria coisa vergonhosa descer a um miúdo cotejo delas com nossa fé.

Aqueles grandes do mundo, aqueles afortunados do século, aqueles homens vãos que se apascentam de grandezas, que só servem a suas paixões, que idolatram sua concupiscência, que gastam os dias inteiros em delícias e em passatempos; todas estas pessoas creem porventura num Deus crucificado? Creem as verdades terríveis de nossa religião? Entram em parte no objeto de sua fé as máximas de Jesus Cristo? Creem que o Evangelho deve ser a única regra de sua conduta?

Aquela mulher mundana, unicamente ocupada em seus entretenimentos; aquela a quem nasceram as cãs e as rugas no jogo, nas festas e nos espetáculos, crê que para ser discípula de Cristo é mister renunciar-se, negar-se a si mesma? Que a vida cristã é uma vida humilde e mortificada? Que as diversões do mundo estão na maior parte empeçonhadas; que nele tudo são laços, tudo escolhos, tudo perigos? Vivendo como se vive hoje no mundo comumente, haverá quem tenha valor para ser responsável de sua fé?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Lucas.

Lucas 6,17-23

> **Latim:** 17 Et descendens cum illis, stetit in loco campestri, et turba discipulorum ejus, et multitudo copiosa plebis ab omni Judæa, et Jerusalem, et maritima, et Tyri, et Sidonis, 18 qui venerant ut audirent eum, et sanarentur a languoribus suis. Et qui vexabantur a spiritibus immundis, curabantur. 19 Et omnis turba quærebat eum tangere : quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes. 20 Et ipse elevatis oculis in discipulis suis, dicebat : Beati pauperes, quia vestrum est regnum Dei. 21 Beati qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati qui nunc fletis, quia ridebitis. 22 Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejicerint nomen vestrum tamquam malum propter Filium hominis. 23 Gaudete in illa die, et exsultate : ecce enim merces vestra multa est in cælo : secundum hæc enim faciebant prophetis patres eorum.

Português: 17 Descendo depois com elles, parou numa planice, acompanhado da comitiva de seus discípulos, e de grande multidão de povo de toda a Judéa, e de Jerusalem, e das terras marítimas assim de Tyro, como de Sidonia, 18 que tinham concorrido a ouvillo, e para que os sarasse das suas enfermidades. E os que erão vexados dos espíritos inmundos, ficavão saós. 19 E todo o povo fazia diligencia por tocallo: pois sahia d'elle huma virtude, que os curava a todos. 20 E levantando elle os olhos para seus discípulos, dizia: Bemaventurados vós os pobres: porque voss he o reino de Deos. 21 Bemaventurados os que agora tendes fome: porque vós sereis fartos. Bemaventurados os que agora chorais: porque vós vos rireis. 22 Bemaventurados sereis quando os homens vos aborecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejcitarem o vosso nome como máo, por causa do Filho do homem. 23 Folgai naquelle dia, e exultai: porque olhai, grande he o vosso galdão no ceo: porque d'esta maneira tratavão aos profetas os pais d'-elles.

Meditação

Da falta de perseverança

Primeiro ponto

Considera os muitos que de todas as partes concorreram a ouvir e a seguir o Salvador do mundo e os poucos, entre toda aquela imensa multidão, que perseveraram.

Mais de cinco mil pessoas abandonaram tudo, esquecendo-se até de sua própria comida, por segui-lo no deserto; mas isto não durou mais que três dias. Quando entrou triunfante em Jerusalém, saiu a recebê-lo fora da cidade uma prodigiosa multidão de povo, enchendo-o de aclamações; mas acabou-se tudo em poucas horas. De toda a Judeia, e até das partes mais remotas de Tiro e de Sidon, concorrem a enxames todo gênero de gentes, assim para escutar suas divinas palavras como para ser curadas de suas dolências. Não há quem não receba algum benefício de sua poderosa mão; não há quem não seja ou matéria ou testemunha de algum milagre; mas quantos réprobos se acharam naquela multidão! E disto quem teria a culpa? O Salvador a ninguém exclui de sua liberalidade benéfica, a ninguém nega sua graça. Aquele precioso sangue, derramado não somente por nós, como diz o evangelista São João, mas universalmente por todos; aquela redenção superabundante, aqueles amorosos convites, aqueles exemplos concludentes, aquelas divinas parábolas, tudo isto prova que na verdade a perseverança é efeito da bondade de Deus, mas que a falta dela é puramente obra de nossa malícia. É certo que é mister pedir a Deus incessantemente o dom da perseverança; mas não é menos certo que nenhum réprobo deixará de lançar-se a si mesmo a culpa por toda a eternidade de não haver perseverado.

Nenhum dos convidados ao festim concorreu a ele. Pelo que toca ao rei, já havia feito todo o gasto; em mão estava dos convidados ocupar cada um seu lugar. Quem teria a culpa de que nenhum o ocupasse? Ó Senhor, e que mal usamos a cada passo de nossa liberdade! Mas Deus a ninguém quer fazer violência.

Com quantas celestiais graças nos previne! E quem poderá pensar sem admiração, sem uma espécie de pasmo, os assinalados benefícios de que nos cumula? Ele mesmo nos adverte que o festim está preparado; ele nos convida, ele nos insta, ele de certa maneira nos obriga. Que não promete aos que se resolvem a segui-lo? Que bondade, que liberalidade não exercita com os que querem ser seus discípulos? Nada disto ignoramos nós; todos estamos não só instruídos, mas persuadidos de umas verdades tão cheias de consolo: gostado temos não poucas vezes a doçura, a suavidade que se experimenta em segui-lo. Mas por fim começa-se a perder o gosto, dá-se ouvidos ao amor-próprio, concede-se demasiada licença aos sentidos, deixa-se a alma enganar dos vãos atrativos do mundo; estes são os funestos escolhos onde ao cabo se espatifa a perseverança. Ó meu Deus, e que medidas não devemos tomar desde logo para evitar a desgraça de espatifar-nos!

Segundo ponto

Considera que não há coisa em que mais se deva pensar nem que com maior instância se deva pedir a Deus que o dom da perseverança final, porque dela depende nossa eterna felicidade. Todo o segredo para consegui-la consiste em não afrouxar jamais no exercício da virtude, em servir a Deus com fidelidade e em que nossa conduta não desminta seu serviço. Sejamos fiéis a Deus, que Deus será fiel em cumprir-nos suas promessas. Deus quer seriamente que todos nos salvemos; queiramo-lo todos com a mesma seriedade e seguramente, com o socorro de sua graça, que nunca nos faltará, todos nos salvaremos.

Que espantoso, que terrível é o exemplo do infeliz apóstata entre nossos santos mártires! Havia sofrido muitos tormentos com valorosa constância; havia confessado a fé com generosidade; quase tocava já o fim de sua gloriosa carreira. Ó Deus meu, e que ditosos princípios! Ea, que já se venceu a maior dificuldade; uma meia hora mais, poucos instantes de padecer e depois uma eternidade de descanso, de gozo, de delícias. Mas no mesmo ponto em que ia receber a coroa, desgosta-se, retrocede e apostata; seus companheiros entram na glória, e aquele infeliz no mesmo momento é precipitado nos infernos. E à vista disto haverá quem afrouxe no serviço de Deus sem assustar-se? Haverá quem volte atrás sem estremecer?

A queda foi espantosa, foi verdadeiramente horrível; mas é muito verossímil que já de antemão ameaçava ruína o edifício, e a oração que os santos mártires fizeram ao entrar no campo de batalha dava a entender bastantemente que não contavam igualmente com a virtude de todos.

Ditoso o homem que perpetuamente desconfia de seu próprio coração e por conseguinte de sua própria virtude e trabalha continuamente no negócio de sua própria salvação com temor e com tremor. Que se há de pensar, nem que se deve esperar desse tédio ao serviço de Deus, dessa inconstância nos fervores, dessas voltas ao mundo e a suas detestáveis máximas? A falta de perseverança final põe o selo à reprovação. Pois quem não temerá essa falta de perseverança? Ela é uma graça que não podemos merecer; mas também é uma graça que, se nos falta, sempre é por culpa nossa. Pois com que vigilância, com que fidelidade não nos devemos aplicar ao cumprimento de nossas obrigações! E até na mesma devoção, que humilde desconfiança é necessário ter!

Poder-se-á contar com demasiada segurança sobre os dons sobrenaturais que se têm recebido de Deus, sobre os trabalhos que se têm padecido por sua Majestade, sobre os serviços que se lhe têm feito? Ah, que Salomão se perverteu apesar dos dons que havia recebido do céu; Judas se perdeu aos olhos do mesmo Salvador; e o infeliz soldado de nossa história, depois de padecidos tantos tormentos, apostatou. Que se há de inferir disto? Que é mister trabalhar no negócio da salvação com temor, mas com confiança; que é necessário pedir a Deus sem cessar o dom da perseverança e olhar com um santo horror a menor tibieza, a menor relaxação. Nenhuma coisa afiança tanto a perseverança como a continuação no fervor.

Divino Salvador meu, quantos motivos tenho eu para gemer e para temer à vista de minha infidelidade e de minhas frequentes reincidências! Mas tudo espero de vossa misericórdia e confio que me haveis de conceder, por vossa bondade e pela intercessão da santíssima Virgem e destes santos mártires, aquela perseverança final que incessantemente peço, como também a graça de servir-vos daqui em diante com uma inviolável fidelidade e com um fervor inalterável.

Jaculatórias

> *Perfice gressus meos in semitis tuis, ut non moveantur vestigia mea.* Sl 16.

Vós, Senhor, haveis de fixar meus passos no caminho do céu, para que não se torçam nem mesmo titubeiem.

> *Justificationem meam, quam cœpi tenere, non deseram.* Jó 27.

Não, meu Deus, não afrouxarei por quanto há no mundo no exercício da virtude, que comecei a praticar com vossa divina graça.

Propósitos

1. O que perseverar até o fim, diz o Salvador, esse se salvará. Não basta perseverar se não se persevera até o fim. Nem se dá a coroa enquanto dura o combate, porque é fruto da vitória, e toda a vida é tentação e peleja. O meio de lograr esta perseverança é conservar toda a vida uma extrema delicadeza de consciência, acrescentando a ela o exercício do Profeta Rei, que cada dia renovava seu fervor, como se naquele mesmo dia começasse. Compreende bem a utilidade deste exercício; nada te dissimules, nada te perdoes em ponto de frouxidão; o mais leve descuido nesta matéria deve assustar-te. Hás de olhar as mais pequenas imperfeições como feridas ligeiras, que podem ter graves resultas se não se faz caso delas; e, segundo o conselho de São Gregório e de São Crisóstomo, hás de temer mais de certa maneira as faltas leves que os pecados graves. Cada dia deves fazer conta de que é o primeiro de tua conversão; cada dia hás de renovar teus propósitos e dizer com o Profeta: *Dixi, nunc cœpi*. Hoje começo a servir a Deus, a amar a Deus, a declarar-me altamente pelo partido de Deus, a domar minhas paixões, meu natural, meus inveterados costumes, como se fosse hoje o princípio de minha carreira: *Dixi, nunc cœpi*. Repete estas palavras ao acabar a oração da manhã: Sim, meu Deus, desde este momento começo a servir-vos com fervor. Não te esqueças de repetir o mesmo na missa e muitas vezes durante o dia, fazendo a Deus todos os dias alguma oração particular para conseguir de sua Majestade o dom da perseverança final, que poderá ser a seguinte:

«Deus meu e Salvador meu, que unicamente me criastes para que vos amasse e que sinceramente quereis minha salvação, fazei que eu corresponda eficazmente a uma vontade e a um fim que são tão vantajosos para mim. Muito vos custei, Redentor meu; e não haveis de permitir que eu me perca. Suplico-vos que me concedais, pelos méritos de vossa santíssima paixão e morte, todas as graças de que necessito; mas sobre todas elas a perseverança final. Eu vo-lo peço em nome de

vossa querida Mãe, objeto de toda a vossa complacência. Virgem santa, intercedei por mim junto a vosso Filho preciosíssimo.»

2. Não havendo coisa mais importante que a perseverança final, tampouco há outra que se deva pedir a Deus com maior instância. Empenha para este fim os santos que são de tua maior devoção e confiança e não deixes de pedi-la a Deus durante esta novena, por intercessão de seu servo São Francisco Xavier, cujo fervor, embora tenha sido tão extraordinário desde o primeiro instante de sua conversão, cresceu sempre até o último momento de sua vida. A salvação pende da boa morte.

Oração para o sétimo dia da novena.

«Glorioso São Francisco Xavier, que, consumido de trabalhos pela glória de Jesus Cristo, depois de haver convertido à fé tantos reinos, depois de haver levantado mais de seis mil igrejas ao verdadeiro Deus e depois de haver batizado mais de um milhão de infiéis, expirastes sobre os penhascos da ilha de Sanchoão, privado de todo humano consolo, mas abundantemente cumulado dos divinos, alcançai-me, rogo-vos, de meu Salvador Jesus Cristo a perseverança final e que morra santamente com a morte dos santos, juntamente com a graça que vos peço nesta novena, se for conducente para que eu consiga essa ditosa morte. Amém.»

[^1]: O texto reconhecido pelo OCR traz “capítulo 14”; a passagem é de Hebreus 11,33-39.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:51 by Admin